

## PRIORIDADES

## Dois pesos e duas medidas

A disparidade no tratamento de processos de cassação ganhou novo fôlego com os casos de Chiquinho Brazão e Glauber Braga

» WAL LIMA

A cassação do mandato do deputado federal Glauber Braga (PSol-RJ), aprovada por 13 votos favoráveis e 5 contrários no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, intensificou a pressão sobre o presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB). A rapidez no andamento do processo chamou a atenção de especialistas, militantes e parlamentares do partido, que questionam as prioridades do parlamento e denunciam uma disparidade no tratamento dado a outros casos de cassação na Câmara.

Na quinta-feira, a deputada Sâmia Bomfim (PSol-SP), que também é esposa de Glauber, criticou a desproporcionalidade das decisões e cobrou Motta para que ele pautar a votação sobre a cassação de Chiquinho Brazão (União-RJ), preso desde março de 2024 como suspeito de ser um dos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco.

“É absolutamente desproporcional a pena de perda de mandato. Temos parlamentares, como Chiquinho Brazão, preso há mais de um ano, e até hoje o plenário da Câmara não teve a dignidade de pautar sua cassação,” declarou.

Antes da votação de Glauber, na terça-feira, o presidente do parlamento chegou a se reunir com parlamentares do PSol e indicou que, “em breve”, pautaria o Caso Brazão, como tentativa de equilibrar as decisões do parlamento.

## Greve de fome

O próprio Glauber Braga, que desde o início do processo já denunciava perseguição política e autoritarismo na condução dos trabalhos, reagiu com um protesto e permaneceu no plenário 5 da Casa, passando a dormir no local, dando início a uma greve de fome, vigente até o fechamento desta matéria.

O deputado, de acordo com a

Bruno Spada/Câmara dos Deputados



Conselho de Ética aprovou processo de cassação de Glauber Braga

assessoria, estava ingerindo somente líquidos e foi assistido pelo Departamento Médico da Câmara com aplicações de soro e atendimentos periódicos.

Ismael Lopes, amigo pessoal de Glauber, denunciou que o parlamento estaria “usando de manobras” para viabilizar a votação no Conselho de Ética. Ele relatou que a abertura da Ordem do Dia, que normalmente começa às 16h das quarta-feiras, foi segura até 18h30, o que permitiu o encerramento do processo de cassação de Glauber no Conselho.

“Ficou muito claro. Sempre interrompem as votações para começar a Ordem do Dia no plenário, mas nesse dia isso não ocorreu,” disse Lopes.

Para o cientista político Valdir Pucci, a situação no parlamento evidencia a polarização política que domina o país. Ele criticou a falta de sintonia da Câmara com as demandas da sociedade.

“As prioridades da Câmara não estão em sintonia com as prioridades e os problemas essenciais do Brasil. Cabe ao presidente Hugo Motta fazer um

freio de arrumação nessa questão,” opinou.

## Caso Brazão

Acusado de mandar matar a vereadora, segundo investigação da Polícia Federal, o nome do deputado surgiu por intermédio de delação premiada de Ronnie Lessa, ex-policia militar do Rio de Janeiro e autor confesso do assassinato de Marielle e de Anderson. Segundo Lessa, disputas por terra na zona oeste da capital fluminense motivaram o

Chico Cerchiaro/Divulgação



Preso desde março de 2024, processo de Chiquinho Brazão segue parado

crime. Marielle fazia resistência a um projeto de lei que tinha como objetivo regularizar condomínios na região.

Em 16 de março, o pedido de cassação do deputado Chiquinho Brazão completou 200 dias paralisado na Câmara dos Deputados. Cabe ao presidente da Casa, o deputado Hugo Motta (Republicanos), definir a data de análise do pedido protocolado pelo PSol em março de 2024.

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) aprovou, em agosto passado, a perda do mandato do

deputado. Embora esteja preso desde março de 2024, Chiquinho mantém 24 assessores ativos e a verba mensal de seu gabinete somou R\$ 124 mil no ano passado.

A diferença no ritmo e tratamento dado aos dois casos alimenta o debate sobre prioridades, parcialidade e justiça na condução dos processos de cassação na Câmara dos Deputados.

O assassinato da ex-vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco (PSol), e do motorista Anderson Gomes completou 7 anos no dia 14 de março.

## ARTICULAÇÃO

## Ministros do STF questionam apoio da base ao PL da anistia

A adesão de parlamentares da base governista ao chamado PL da Anistia causou repercussão no Supremo Tribunal Federal (STF). Membros da corte enviaram recados ao Executivo destacando

a necessidade de ação dos interlocutores do Planalto junto ao Congresso Nacional. Mais de 100 parlamentares da base aderiram ao pedido de urgência da proposta em tramitação.

O projeto visa livrar os envolvidos no 8 de janeiro das punições impostas pelo Judiciário. De acordo com reportagem do jornal *O Globo*, a crítica deve-se ao fato de parlamentares de partidos que compõem o governo terem apoiado o PL, que livrará golpistas que tentaram derrubar o governo e planejaram assassinar o presidente da República.

Para membros do Executivo, embora a justificativa de defender os manifestantes, o real objetivo do projeto consiste na tentativa de livrar Jair Bolsonaro de uma possível prisão.

Na quinta-feira, a ministra da Secretaria de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, defendeu discutir a anistia ou a redução de penas no Legislativo. O

posicionamento gerou uma série de críticas dentro do STF e do próprio governo, levando ao recuo, no dia seguinte, quando Gleisi afirmou que a revisão de penas cabe “única e exclusivamente” ao Supremo.

Ministros do STF destacam a necessidade de um corpo a corpo junto a lideranças dos partidos que têm postos no primeiro, segundo e terceiro escalões da

Esplanada para cobrar a retirada das assinaturas em apoio ao pedido de urgência.

O líder do PL na Câmara, Sós-tenes Cavalcante (RJ), afirmou que pretende protocolar em 22 de abril o requerimento de urgência para o Projeto de Lei da Anistia aos golpistas do 8 de Janeiro. As assinaturas podem ser retiradas enquanto a matéria não for oficializada.



SERGIO ABRANCHES

**TRUMP NÃO DEDUZ O TARIFAÇO DE NENHUM PLANO ECONÔMICO CONSISTENTE. SUAS DECISÕES SÃO IDEOLÓGICAS E TOMADAS POR IMPULSO. DAÍ O COMPORTAMENTO ERRÁTICO, O AVANÇA-RECUA.**

## O excepcionalismo de Donald Trump

O noticiário sobre o tarifaço de Donald Trump tem se concentrado nos efeitos no mercado de capitais, em Wall Street, e nas importações de grandes empresas. Fala-se do impacto nos preços ao consumidor, inflação e recessão. Olha-se menos para a rua das pessoas comuns, dos pequenos negócios. A rua do capital financeiro é concentrada e poderosa. A rua das pessoas comuns cresce velozmente, sem poder. O encurtamento do mercado de trabalho leva ao autoemprego. Pequenas e micro empresas são a fonte crescente da renda das pessoas comuns.

Trump disse, na terça-feira, 25, que tem “orgulho de ser o presidente dos trabalhadores, que que defende Main Street, não Wall Street”. É só ilusão. Ele recuou, quando Wall Street deu sinais de pânico. Mas não tem ouvidos para os gemidos da rua das

pessoas comuns. É pura demagogia populista.

O *Financial Times* traz uma história que ilustra bem o desprezo de Trump pela rua dos comuns. Em um distrito comercial, de pequenas lojas, próximo à estatua da Liberdade e a Wall Street, as tarifas atingiram os pequenos como mísseis demolidores. Pessoas como Joy Ghigliotti. Ela é dona de uma simpática loja chamada Hypno-Tronic Comics, algo como Quadrinhos Hipnotrônicos. Ela tem as prateleiras cheias, mas nenhum cliente. Joy diz que muitas de suas Graphic Novels, HQs, são impressas no Canadá. Ela também vende brinquedos relacionados aos quadrinhos, importados da China. Ela já está pagando entre 10% e 15% a mais do que havia planejado e parou de renovar os Quadrinhos. Ela vê o tarifaço de

Trump como “uma ameaça existencial para grande quantidade de negócios”.

Wall Street é o endereço da oligarquia financeira, dos “donos do mundo”, como se vêem muitos de seus operadores. Quebrou-se a confiança dos grandes investidores no dólar e nos títulos da dívida americana, sempre considerados pelos investidores como os ativos preferenciais de segurança (safe heavens) em momento de grande volatilidade e risco muito alto. A fuga dos Treasury Bonds e a busca de ativos mais seguros como o ouro, cujo preço tem crescido exponencialmente, indicam que Wall Street está à beira de um ataque de nervos. Isto é, de uma grave crise.

O presidente do FED, o banco central americano, Jerome Powell declarou que a instituição está pronta para injetar liquidez

ao mercado, o que só ocorre em crises financeiras graves. Logo, Trump não defende Main Street e vê a desconfiança em seu governo se quebrar em Wall Street, o setor que contribuiu pesadamente para sua campanha.

Trump também faz estragos nos distritos dos grandes negócios. Um exemplo bastante mencionado é o da Apple, uma das cinco maiores empresas do país, cujo CEO, Tim Cook, estava presente em sua posse. Ela mantém nos Estados Unidos o desenvolvimento dos chips por ela criados, que são fabricados pela TSMC de Taiwan. E desenvolve o design de sua linha de eletrônicos. Os sensores de imagens, componentes da tela e alguns semicondutores, são produzidos pela Sony, no Japão. As telas OLED e os chips de memória, são importados da Coreia do

Sul. A China fornece baterias e placas de circuito impresso. Da Alemanha, provêem sensores e componentes ópticos. A montagem de 86% dos iPhones é feita na China e de 14%, na Índia. Internalizar toda a produção dessa cadeia seria impossível e tornaria proibitivos os preços de produtos Apple. A empresa quebraria.

Trump não deduz o tarifaço de nenhum plano econômico consistente. Suas decisões são ideológicas e tomadas por impulso. Daí o comportamento errático, o avança-recua. Por pressão de grandes empresas, como Apple, Google e Nvidia, parece que irá isentar os eletrônicos e suas partes. Mas e todos os setores que dependem de cadeias globais de suprimentos? Seu projeto fracassará e terminará em recessão.

A ideologia de Donald Trump

é a superada doutrina do excepcionalismo americano da era do Plano Marshall, 1948 to 1952. Ele a requeitou e adicionou o ultranacionalismo autárquico do MAGA, “make America great again”.

O excepcionalismo é a ideia de que os Estados Unidos teriam um papel especial na história e seriam exemplo de liberdade, democracia e progresso. No final dos anos 1940 e início dos anos 1950, ele se assentava na suposta responsabilidade moral dos EUA de liderar o mundo econômica, política e ideologicamente.

Daí a arrogância com que tratou Zelensky e que o leva a esperar uma ligação de Xi Jinping para negociar. Mas, a China, cansada de ser humilhada, anunciou que não cederá a Trump. O telefone do Salão Oval não parece que tocará com uma chamada de Xi.